

# Apresentação – Dossiê “Mapeando as pedagogias”<sup>1</sup>

Viviane Castro Camozzato<sup>2</sup>

Ao mesmo tempo em que procuramos, por intermédio de um “mapeamento”, mostrar aspectos e parcelas de algo, não deixamos de capturar esse algo, expondo tanto as suas fragilidades quanto as potencialidades de suas possíveis reconfigurações. Além disso, um mapeamento nos indica a dimensão das transformações pelas quais o objeto mapeado – ao menos supostamente – passa.

Em relação à tentativa aqui assumida recorro do artista plástico argentino Jorge Macchi<sup>3</sup>, uma vez que dentre o conjunto de suas obras os mapas se constituem como uma das principais matérias-primas de seu interesse. Nessa direção, por exemplo, em *Ciudad cansada* (2004), um mapa aparece em suspenso, quase em forma de cone (o que me faz pensar que há um questionamento acerca da noção e referência plana da maior parte dos mapas), exposto em uma parede, todo recortado internamente, ou seja, com os seus espaços de localização esvaziados. Já em *Tour* (2010) vemos três estruturas metálicas dispostas em cima de uma mesa. Elas reproduzem linhas de um mapa que estão despregados desse objeto. Nesta obra (assim como em outras, que não cabe aqui destacar) o conjunto de símbolos que designavam os países e as ruas foi extraído. O que fica são as marcas do que não está mais presente.

Assim, dentre as muitas leituras possíveis, a que me chama atenção é a conexão com a noção de que a linguagem é um espaço de disputa, de destaque e recomposição, de captura e escapes. Macchi nos indica, em suas diferentes

---

<sup>1</sup> Título inspirado no estimulante artigo “Mapeando o pós-moderno”, de Andreas Huyssen (1991), publicado no livro *Pós-modernismo e política*, organizado por Heloísa Buarque Holanda.

<sup>2</sup> Doutora em Educação (UFRGS). Professora adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Culturas e Pedagogias Contemporâneas (Uergs) e pesquisadora associada do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO/UFRGS). E-mail: vicamozzato@gmail.com

<sup>3</sup> Para conhecer e acessar mais informações sobre o Jorge Macchi sugiro, dentre outros espaços, o site pessoal do artista: <http://www.jorgemacchi.com>

obras, desse modo, o seu recorrente interesse em interrogar, analisar, destrinchar e até mesmo subverter sistemas de significação. O artista expõe o objetivo de evidenciar mapas que escapam, diferem, recombina lugares e desorganizam ordens fixas. Ele, assim, os subverte, desconstrói, e recompõe a partir de vazios que podem ser – para a perspectiva pós-estruturalista – associados ao espaço aberto no jogo da linguagem.

É a partir da noção de que qualquer mapa e mapeamento não escapam à possibilidade de reinvenção que apresento o Dossiê “Mapeando as pedagogias”. Por um lado, espero evidenciar o quanto se trata de um processo em aberto, em plena operação: as pedagogias não cessam de se transformarem num processo de recombinação e reconfiguração incessantes. Por outro lado, nós, pesquisadores e estudiosos da sociedade e cultura contemporâneas – dentre outros sujeitos que poderiam ser invocados –, nas suas interfaces com diferentes questões e áreas de interesse, revitalizamos, em conjunto, o conceito de pedagogia, transformando-o. Com isso, produzimos – com e a partir de autores que nos precedem – novas e impensadas problematizações, análises, conceituações e possibilidades de usos.

Importante salientar, ainda, antes da apresentação mais formal dos artigos que compõe esta edição da revista *Textura*, que o conceito de pedagogia é histórico e mutável. A ele acopla-se um conjunto de tradições, saberes, seleções, enfim, de disputas pelo poder de nomear, conceituar, produzir sujeitos e objetos.

Este Dossiê não se furta de entrar nesse jogo. E embora não tenha a pretensão de “dar a última palavra”, se movimenta e se joga em direção à polifonia discursiva que acomete a pedagogia. Nessa direção, pretende, muito mais, chamar a atenção para a recente reinvenção do conceito. Mais especificamente, no Brasil, desde a década de 1990, com a entrada do conceito de “pedagogias culturais”<sup>4</sup>, pelos Estudos Culturais em Educação (mais centralmente no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS<sup>5</sup> e,

---

4 Importante salientar que o referido conceito, conforme análise realizada, surgiu na obra *Cultural Pedagogy: arts, education, politics*, de David Trend (1992), mas foi difundido no Brasil a partir de produções de Henry Giroux, Shirley Steinberg e Joe Kincheloe, especialmente.

5 O artigo “(Re)inventando a Educação a partir dos Estudos Culturais: notas sobre a articulação desses campos no ambiente universitário gaúcho”, da professora e pesquisadora Maria Lúcia Wortmann (2012), pode ser acionado para a compreensão desse conjunto de discussões. O conceito de “pedagogias culturais” aparece, neste artigo, como o principal elo articulador entre os Estudos Culturais em Educação e os seus diferentes objetos de estudo – ao menos no Brasil. A referida produção foi publicada no livro *Estudos Culturais e Educação: desafios atuais*,

desde 2002, mais fortemente também no PPGEdu da ULBRA, dentre outras instituições espalhadas pelo Brasil). De lá para cá tem havido tentativas de análises das pedagogias em funcionamento, bem como tentativas para compreender teórica e conceitualmente a pedagogia: seja no singular, no plural, ou mesmo com o acoplamento do “cultural”.

O Dossiê está organizado a partir de três seções interligadas. Na primeira seção, intitulada “Deslocamentos sobre o Mapa das Pedagogias: Problematizações Contemporâneas”, estão presentes um conjunto de artigos que focam, sobretudo, mais teoricamente a problemática aqui anunciada.

A seção é aberta com o artigo *El gobierno de sí recargado. Educación, pedagogía y gubernamentalidad en las sociedades de gerenciamiento*, de Silvia Grinberg, em que a autora problematiza as conexões entre governamentalidade e educação. Importante destacar que a autora, mediante um olhar histórico, nos incita a pensar nas transformações que o processo de constituição dos sujeitos, indicando a uma atualização do governo dos outros e de si, numa condição em que o governo dos outros atua/funciona/age sobre a produção de si mesmo – produzindo, assim, um incessante processo de gerenciamiento de si mesmo.

Irene Tourinho e Raimundo Martins, no artigo *Entre percalços e desejos: sobre a insurgência e possibilidades das Pedagogias Culturais*, nos dão um panorama sobre as pedagogias culturais. Com isso nos incitam a considerar a produtividade de saberes e práticas que compõe as pedagogias culturais de nosso tempo, as quais são construídas cotidianamente, num processo de constante envolvimento com uma diversidade potente de “materiais, artefatos, sons, movimentos e atores”, como sinalizam. A partir de diálogos com a personagem (sul-americana e contestadora) Mafalda, de Quino, os autores nos capturam para pensarmos, ao mesmo tempo, no imprevisto, no inusitado, na excitação em relação a um trabalho pedagógico que possa ir à direção da criação, contestando e recusando o que muitas vezes parece tão naturalizado.

*Usos e Possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em Estudos Culturais em Educação*, por sua vez, de autoria de Marisa Vorraber Costa e Paula Deporte de Andrade, nos dão pistas de como os

---

organizado pelas pesquisadoras Karla Saraiva e Fabiana de Amorim Marcello, e lançado pela editora da ULBRA.

trabalhos que analisam as pedagogias culturais tem utilizado o conceito. A partir de três pesquisas específicas as autoras nos mostram a potência deste conceito tanto para diversificar o entendimento acerca da pedagogia quanto para demarcar a condição produtiva da pedagogia para a construção da vida social contemporânea.

Elizabeth Ellsworth, em *The Wicked Problem of Pedagogy*, apresenta uma discussão sobre as dificuldades da pedagogia, ancorando a ideia do quanto as questões e desafios pelos quais ela passa não tem como serem facilmente resolvidas. Não se trata, assim, de escapar ou dominar a pedagogia, mas considerá-la como participante das dificuldades que o nosso próprio mundo atravessa. A autora indica que ativemos “a pedagogia como pretexto e ocasião para transformar o ‘conhecimento como algo pronto’ em um ‘conhecimento em formação’”, e isso principalmente a partir da potencialidade que as mídias digitais tem em nossa sociedade contemporânea.

Na segunda seção do Dossiê, nomeada de “Pedagogias em Atuação: Mapas de Saber e Poder”, avançamos sobre o – talvez sempre impossível – mapeamento das pedagogias. Está agrupado um conjunto de artigos que analisam objetos e práticas diversas para mostrar, justamente, o modo como as pedagogias operam no cotidiano, produzindo uma infinidade de efeitos na sociedade, em seus sujeitos e instituições.

Encontramos, primeiramente, o artigo *Lili a Garota atômica. Representação da mulher*, de Rosângela Tenório de Carvalho, que trata da análise de uma história em quadrinho direcionada a mulheres em meados do século XX. Mediante discussões sobre representação e performatividade a autora problematiza os modos de representação das mulheres. Com uma discussão que engloba os quadrinhos e as propagandas que as acompanham para tensionar as questões de gênero implicadas, Rosângela nos enreda a pensar nas lutas culturais em torno das significações historicamente construídas sobre as representações identitárias do gênero feminino.

Camila Bettim Borges Oliveira e Susana Rangel Vieira da Cunha, em *Retratos de uma infância contemporânea: os bebês nos artefatos visuais*, abordam – a partir dos Estudos da Cultura Visual e dos Estudos Culturais – as representações visuais de crianças presentes em fraldas descartáveis vendidas no nosso País. Desde um levantamento dos modelos de corpos representados nessas embalagens, aparece um questionamento sobre a idealização da primeira infância e da estética padronizada que desde essa etapa vem se impondo sobre elas.

O artigo *Entre cinderelas negras, meninas bonitas e cabelos de lelê: o papel da literatura infantil na implementação da lei 10.639/2003*, de Ivanize Christiane do Nascimento Honorato e Tanise Müller Ramos, problematiza a entrada do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica, mediante a implementação da lei na escolarização inicial em duas instituições públicas da região metropolitana de Porto Alegre/RS. A literatura aparece, neste contexto, como foco de análise, uma vez que é entendida como um artefato cultural pedagógico capaz de veicular e produzir modos de ver a partir de diferentes ênfases, mas especialmente, neste caso, sobre a implementação da lei 10.639/2003 e as discussões que ela movimenta.

A seguir, em *Posso ouvir teu cartão de memória? Músicas e discursos contemporâneos constituindo feminilidades*, os pesquisadores Juliana Ribeiro de Vargas e Rodrigo Saballa de Carvalho partem do entendimento de que os discursos atuam na constituição das subjetividades de alunas contemporâneas. A partir disso, os autores focam nas mídias musicais acessadas pelas alunas, por meio de seus celulares, para analisar o quanto modos de ser e viver podem ser (re)produzidos através destas conexões e audições, organizando a constituição das culturas juvenis femininas.

Desenhos animados são analisados em *Questões de gênero na produção cultural para crianças: desenhos animados As terríveis aventuras de Billy e Mandy Os Anjinhos*, de Simone Olsiesky dos Santos. Mais especificamente, a autora procura esquadrinhar alguns dos “ensinamentos” destes desenhos, focalizando em sua pedagogia, nas demarcações em torno das relações de poder, governo e controle. Ensinamentos estes que atuam na produção de subjetividades femininas e masculinas a partir destes artefatos visuais. Importante salientar, ainda, que traços de transgressão em relação a possíveis construções identitárias são discutidos no artigo.

Para encerrar a seção, Patrícia Ignácio, no artigo *As pedagogias do consumo no desenho animado Três Espiãs Demais – narrativas sobre como ser jovem menina na Sociedade do Consumo*, oferece uma discussão acerca de como os significados sobre o mundo do consumo são (re)produzidos e disseminados mediante a operação de uma pedagogia que ensina a viver a partir dos princípios do ter e do parecer. O artefato cultural analisado evidencia, segundo a autora, jovens meninas-personagens capturadas pelas teias da cultura do consumo, colocando em operação escolhas e estratégias que as conectam ao consumo de objetos, de aparências e de relacionamentos.

“Em Direção a Infindáveis Articulações e Ressonâncias das Pedagogias...”, última seção, estão disponibilizados três artigos que mostram que para além de uma análise mais centrada em artefatos culturais, analisar as pedagogias é possível a partir de práticas, artefatos e situações diversas, uma vez que elas se articulam e ressoam em processos que se entrecruzam com múltiplas questões presentes em nossas sociedades eminentemente pedagógicas.

Compõe a seção, inicialmente, o artigo *Sobre infames – educadores e palhaços*, de Rafael Limongelli e Alexandre Filordi de Carvalho. Os autores promovem aproximações, erros, desvios, desvarios, engendram cenas transitórias, nos levam a cartografias errantes e, por fim, encerram com um número de despedida. Por essa condução ao artigo percorremos, com os autores, (des)caminhos que nos inquietam, interrogam, e, por isso mesmo, nos movimentam a pensar sobre os infames, sobre uma “prática patética-poética da palhaçaria”, a fim de refletirmos “sobre os não-lugares possíveis presentes em uma experiência educativa como se fossem bolsões para a afirmação da criação e da inventividade”, como comentam. Junto disso, a “função-educador” e a “pedagogia das sensações” são acionadas pelos autores como possibilidades para a recusa de tantos códigos que tentam conduzir as nossas experiências.

*Por uma pedagogia da mobilidade: notas sobre migrações estudantis*, de Damiana Ballerini e Maria Aparecida Silva, aborda as condições para a existência de uma possível *pedagogia da mobilidade*. Para tal, as autoras discutem sobre as migrações estudantis no eixo Brasil-exterior, as relações entre nomadismos e fronteiras, incluindo, ainda, as ressonâncias disso para a constituição de uma circularidade entre saberes e vivências. Ao fazerem isso, nos endereçam ao quanto as pedagogias culturais cruzam com as práticas de vida das pessoas, não estando, portanto, apartadas disso.

Para finalizar, em *Aprender o real com as pedagogias*, Viviane Castro Camozzato expõe – a partir de comentários de obras pedagógicas – sobre as investidas para tentar capturar o real, a “realidade”, que as pedagogias se utilizam e criam como uma estratégia própria para a sua existência. A autora problematiza, nessa direção, sobre as relações entre representação e pedagogia, a ampliação e pluralização de pedagogias e, ainda, sobre o quanto a pedagogia procura construir pedagogicamente o real.

Espero que cada leitor se sinta, com os artigos aqui apresentados, desafiado para pensar nos traços, marcas, práticas e artefatos – ou ainda, nas

condições – que nos produzem em nossa contemporânea sociedade pedagógica que, de um lado a outro, nos envolve em jogos pedagógicos. Isso sem desconsiderar que qualquer mapeamento é – e sempre será – incompleto, inconcluso, insuficiente frente às novas e sempre latentes estratégias criadas. Contudo, é preciso organizar e compor uma perspectiva para ver e pensar, e isso para podermos, inclusive, perceber, compreender, agir e inventar frestas de resistência novas a partir disso.

Que todos nós possamos, frente ao que aqui está exposto, agir como leitores inquietos que intentam, a cada nova mirada, suscitar novas e diferentes problematizações, críticas, sugestões, ideias e conexões possíveis. Enfim, que este Dossiê suscite tanto o prazer quanto o desafio da leitura.